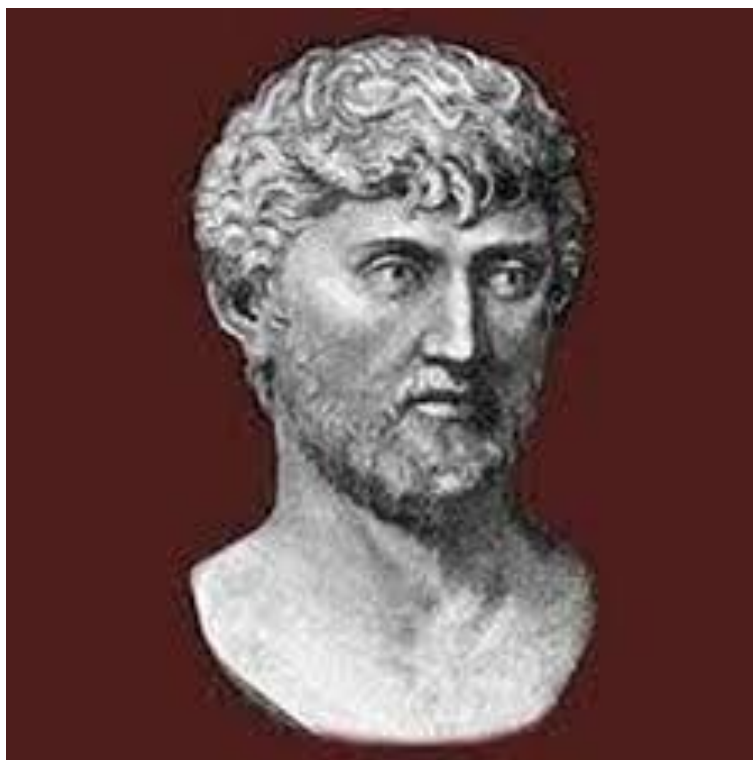


LUCRÉCIO E OVÍDIO: METAMORFOSE E FLUXO

Por Rodrigo Tadeu Gonçalves



Representação de Lucrécio

Neste artigo, derivado da apresentação realizada no VIII Encontro "Tradução dos Clássicos no Brasil", empreendo uma demonstração de paralelos importantes entre a configuração poética da filosofia de Epicuro por Lucrécio em *Sobre a natureza das coisas* e da filosofia de Pitágoras por Ovídio nas *Metamorfoses*, com ênfase na recuperação intertextual do primeiro poema realizada por Ovídio da relação entre poesia e filosofia no discurso de Pitágoras, no livro XV de seu poema.

Dessa forma, apresento possibilidades latentes de encontrar, no poema *Sobre a natureza das coisas*, de Lucrécio, e no poema épico *Metamorfoses* de Ovídio, explorações poéticas e performativas de um entrelaçamento entre a potência da palavra poética e o vigor da exploração da natureza a fim de produzir uma explicação do sentido da vida e da missão dos seres conscientes. Será possível verificar que o materialismo atomista de Lucrécio é compatível com uma visão do fluxo metamórfico de todas as coisas a partir do fundamento filosófico das *Metamorfoses*, o discurso de Pitágoras no livro XV. Ambos, de um modo ou de outro, preveem que toda a matéria que nos

preexiste é imperecível, e que tudo que vem a ser a partir de sua ordenação também deixa de ser a partir de sua dissolução, mantendo-se constante a soma de matéria. Se há alguma diferença perceptível, como veremos, ela reside na concepção de alma que, em Lucrecio, abarca o conjunto *anima atque animus*, cuja materialidade se manifesta em simbiose com o corpo e, em Pitágoras, via Ovídio, consiste de essência extra-corpórea, capaz de migrar de corpo em corpo, pressupondo uma existência na forma em morte, entre vidas.

Embora essa diferença no modo de conceber a alma seja bastante significativa e, a depender do ângulo de análise, irreconciliável, proponho a hipótese de que a cosmologia de Lucrecio (que repete, desenvolve e endeusa seu grande mestre Epicuro), a de Ovídio (que parece endeusar Pitágoras e aproximá-lo de Epicuro na introdução a seu discurso no livro XV) e a contemporânea (que encontramos em sua versão filosófica, por exemplo, no livro *Metamorfoses* de Emanuele Coccia e em sua versão científica em, por exemplo, Alan Lightman), são, em grande parte, semelhantes ou, ao menos correspondentes em grande parte de sua extensão.

Por exemplo: para o físico e romancista Alan Lightman (2021) nós, que em grande parte nos ocupamos em nos identificar constantemente com o nosso eu que sente e pensa, com o que consideramos consciência, no limite, não passamos de “impossibilidades prováveis”, e temos, como função e missão básica, mover átomos aleatoriamente pelo universo. Tal visão, bastante difundida, da astrofísica contemporânea atribui a origem dos átomos que ora nos constituem a explosões de estrelas antiquíssimas, que lançaram sua matéria em deriva perpétua pelo cosmos. Tal matéria se organiza e se reorganiza em estruturas das mais ínfimas às mais grandiosas, que, por sua vez, também têm fim e, ao dissolverem-se, retornam à grande soma da matéria-prima que antes as constituía. Não é difícil encontrar em Lucrecio diversas passagens que defendem basicamente a mesma visão filosófica.

Dessa forma, o processo básico de união e dissolução da matéria-prima universal pode ser concebido como uma espécie de metamorfose. O caos primordial que se conforma em ordem/cosmos deve ser, portanto, a primeira metamorfose, que enceta o fluxo perpétuo que torna todo corpo coextensivo com versões anteriores de si mesmo, ainda que anteriores a sua existência material. Metamorfose, portanto, não é passagem estanque de um estado a outro, mas fluxo de mudanças infinitesimais que se operam no tempo e no espaço, sempre em curso (o que, inclusive, se pode perceber na maioria das cenas de descrição de metamorfoses no poema de Ovídio, quase sempre plásticas, fluidas e dinâmicas).

Ainda que careça do conceito explicitamente, o poema de Lucrécio, de seu lado, compromete-se com uma teoria do fluxo perpétuo da matéria básica, os corpos primevos, que suas fontes filosóficas chamavam em grego de *atomos*, “indivisível”, que dançam de forma aleatória, estocástica, turbulenta, pelo espaço infinito em busca cega por conciliarem-se a outros a fim de gerar as coisas, corpos, seres, mundos (ainda que sem teleologia nem desígnio de deus ou destino). Tal passagem das sementes da matéria individuais em corpos e sua posterior dissolução é tão imperceptível quanto o desgaste de um anel em sua parte interior ao contato constante com o dedo, da pedra que se desgasta com o bater de muitas gotas numa caverna, e de tantas outras imagens poéticas que Lucrécio emprega para produzir, performativamente, a explicação do infrassensível, do que se move no mundo invisível dos átomos:

1. Lucrécio, DRN, I, 311-18

Com muitos anos do sol que passam e voltam, decerto,
pelo uso no dedo o anel atenua-se embaixo,
tal como queda das gotas escava os rochedos, e os dentes
dos arados de ferro em segredo decrescem nos campos,
e os pavimentos das ruas, pelas passadas do vulgo
vemos desgastarem-se, e nos portais das cidades
as estátuas de bronze mostram as mãos desgastadas
pelos toques frequentes das saudações de quem passa.

quin etiam multis solis redeuntibus annis
anulus in digito subter tenuatur habendo.
stilicidi casus lapidem cavat, uncus aratri
ferreus occulte decrescit vomer in arvis.
strataque iam vulgi pedibus detrita viarum
saxea conspiciamus: tum portas propter aena
signa manus dexteris ostendunt attenuari
saepe salutantur tactu praeterque meantur.

Como é possível verificar em seu poema em inúmeras passagens, a poesia, em modo análogo de composição de novos corpos a partir de elementos pré-existentes (as letras, cf. I, 196-8; II, 688-94; II, 1013-18), é capaz de trazer luz ao que está no escuro e revelar à mente a estrutura última da natureza. A poesia, em Lucrécio, metamorfoseia o desconhecido e obscuro em conhecido e luminoso, ao mesmo tempo em que metamorfoseia a doutrina de Epicuro, escrita em grego e em prosa, em sua nova forma-corpo, em latim e em versos.

De maneira semelhante, o poema de Ovídio chama atenção, desde seu próêmio, à sua natureza procedimental: contar sobre formas mudadas em novos corpos através de um *carmen perpetuum*, um poema contínuo, que performa, diante de nossos olhos, centenas de transformações de tipos variados: do caos à ordem, de seres conscientes antropomórficos em seres minerais, vegetais, ou animais ou vice-versa até as de seres humanos em cometas ou do próprio poeta em poesia imortal, no epílogo. Neste caso, também, a autoconsciência da potência performativa de sua poética torna o poema um exemplo, ele mesmo, de metamorfose múltipla: de mitos que habitam o imaginário dos povos da antiguidade, especialmente greco-romana, bem como de suas formas anteriores em textos gregos e latinos de diferentes gêneros (da prosa mitográfica de Apolodoro e Higino à épica, tragédia, elegia de outros poetas greco-romanos e, em diversos casos, do próprio poeta) a um longo poema em hexâmetros que, ao pulverizar seu enredo em miríades, metamorfoseia ele mesmo a épica narrativa, a épica didática e a poética de um Calímaco e seus *Aitia*, muitas formas mudadas em um novo corpo.

Nos dois casos, tradução é metamorfose e metamorfose é tradução.

Trata-se, portanto, da transcendência desses dois poemas em dispositivos poderosos que se auto-propagam e que se multiplicam também eles através da história dos séculos via traduções, reescritas, adaptações, ensino, transmissão, comentário, crítica e tantas outras operações de replicação e variação. Esses dois poemas, em si mesmos metamorfoses, operam metamorfoses, proliferam metamorfoses como simulacros que viajam entre muitos espelhos que refletem o mesmo e o diferente.

Um primeiro ponto de contato é a caracterização do filósofo inspirador de cada um dos poemas. No caso de Lucrécio, as passagens em que elogia Epicuro, nos próêmios dos livros I, III e V, caracterizam o antecessor grego em termos muito elogiosos, com traços que configuram um grau de elevação da importância da mensagem anterior que flerta com o messianismo, e que, de fato, culmina com a caracterização de Epicuro como um deus na terceira passagem:

2. DRN I, 62-79

Quando jazia a humanidade diante de todos
pela cruel religião tão terrivelmente oprimida
que mostrava suas garras do alto dos campos celestes,
com horrível aspecto instando por sobre os humanos,
eis que o primeiro, um grego, mortal, resolveu lançar contra
ela seus olhos e foi, resistente, o primeiro a ir contra:
ele, que nem a fama dos deuses, nem raios minazes
nem o céu com trovões subjugou, mas, mais do que isso
excitou-lhe a virtude da alma, trazendo o desejo
de estracalhar da natura – o primeiro – as portas pesadas.
Eis que a vívida veia da alma venceu e ainda
foi além das flamejantes muralhas do mundo,
toda a imensidão viajou em espírito e mente,
donde nos conta, vencedor, o que pode gerar-se,
e o que não pode, qual a razão pra que todas as coisas
tenham finito poder e bem fincada fronteira.
E, por sua vez, a religião sob os pés submetida
é esmagada e nos iguala aos céus a vitória.

70

Humana ante oculos foede cum vita iaceret
in terris oppressa gravi sub religione
quae caput a caeli regionibus ostendebat
horribili super aspectu mortalibus instans,
primum Graius homo mortalis tollere contra
est oculos ausus primusque obsistere contra,
quem neque fama deum nec fulmina nec minitanti
murmure compressit caelum, sed eo magis acrem
irritat animi virtutem, effringere ut arta
naturae primus portarum claustra cupiret.
ergo vivida vis animi pervicit, et extra
processit longe flammantia moenia mundi
atque omne immensum peragravit mente animoque,
unde refert nobis victor quid possit oriri,
quid nequeat, finita potestas denique cuique
quam sit ratione atque alte terminus haerens.
quare religio pedibus subiecta vicissim
obteritur, nos exaequat victoria caelo.

3. DRN III, 9-22

Tu és o pai, das coisas o descobridor, tu nos trazes
paternais preceitos, ó inclito, e dos teus livros, 10
tal como abelhas passeiam por todos floríferos prados,
nós igualmente os teus áureos ditos todos colhemos,
áureos, sim, e sempre os mais dignos de vida perpétua.
Pois, uma vez que a tua razão, dessa mente divina,
vociferando, explica a natureza das coisas,
fogem terrores do ânimo, e as muralhas do mundo
abrem-se, e tudo eu vejo movendo-se ao longo do inane.
Nume divino aparece, bem como suas sedes quietas,
as que não tocam os ventos nem nuvens espargem de chuva,
nem a neve espessada em acre geada as desonra, 20
branca, caindo, mas sempre as cobre um inúbilo éter,
que lhes sorri com vastidão do lume difuso.

tu pater es rerum inventor, tu patria nobis
suppeditas praecepta, tuisque ex, inclute, chartis, 10
floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
omnia nos itidem depascimur aurea dicta,
aurea, perpetua semper dignissima vita.
nam simul ac ratio tua coepit vociferari
naturam rerum, divina mente coorta,
diffugiunt animi terrores, moenia mundi
discedunt, totum video per inane geri res.
apparet divum numen sedesque quietae,
quas neque concutiunt venti nec nubila nimbis
aspergunt neque nix acri concreta pruina 20
cana cadens violat semper<que> innubilis aether
integit, et large diffuso lumine ridet.

4. *DRNV*, 7-12

Pois se, como sugere a grandeza dos próprios achados,
certo é que deus ele foi – um deus, ó inclito Mêmio,
ele que antes descobriu os princípios da vida
que hoje chamamos sabedoria, e que, com sua arte,
nossas vidas, das altas ondas e trevas imensas,
conduziu à mais tranquila das luzes, mais clara.

nam si, ut ipsa petit maiestas cognita rerum,
dicendum est, deus ille fuit, deus, inclute Memmi,
qui princeps vitae rationem invenit eam quae
nunc appellatur sapientia, quique per artem 10
fluctibus e tantis vitam tantisque tenebris
in tam tranquillo et tam clara luce locavit.

5. *DRNVI*, 1-8

Foi Atenas, de nome preclaro, que, aos homens sofridos
concedeu outrora o cultivo dos grãos e do milho,
instituiu as leis, renovando sua vitalidade,
trouxe também à vida o doce consolo suave,
quando gerara o homem dotado de mente brilhante
que, de sua boca verídica, então, propagou a verdade;
mesmo extinto, em razão de seu conhecimento divino,
teve a glória ancestral elevada às alturas celestes.

Primae frugiparos fetus mortalibus aegris
dididerunt quondam praeclaro nomine Athenae
et recreaverunt vitam legesque rogarunt,
et primae dederunt solacia dulcia vitae,
cum genuere virum tali cum corde repertum,
omnia veridico qui quondam ex ore profudit;
cuius et extincti propter divina reperta
divulgata vetus iam ad caelum gloria fertur.

Uma leitura atenta da introdução do personagem do filósofo Pitágoras na narrativa do livro XV das *Metamorfoses*, antes de ele receber a palavra do narrador para expor sua doutrina filosófica (toda a passagem abrange *Met.* XV, 60-478) conduz a audiência por um elenco de traços e características que, com exceção da referência inicial ao ódio à tirania e o auto-exílio e antes da informação final acerca da proibição do consumo de carne, poderia perfeitamente ser associada a Epicuro (nascido em Samos, embora seja identificado por Lucrécio com a cidade de Atenas, cf. passagem 5 acima, por lá ter exercido sua carreira como filósofo e líder de seita):

6. Met. XV, 60-73

Lá houve um homem, nascido sâmio, que abandonara Samos e seus senhores; por ódio da tirania se lançara ao exílio. Embora nos céus removidos com a mente alcançou os deuses e o que a natureza proibia aos olhos humanos, sorveu com os do peito. Com vigilante ânimo e zelo a tudo observa, dando o saber ao público e, para o vulgo em silêncio, com admiráveis palavras, do vasto mundo os primórdios, causas das coisas ensinava, o que são natureza e deus, de onde vêm as neves, qual é a origem dos raios, se o trovão vem de Júpiter ou dos ventos nas nuvens, qual a causa dos terremotos, dos movimentos dos astros, tudo o mais que se esconde. Foi o primeiro a ser contra pôr animais à mesa. Foi também o primeiro a dizer com os lábios doutos palavras não cridas:	60	Vir fuit hic, ortu Samius, sed fugerat una et Samon et dominos odioque tyrannidis exsul sponte erat. isque licet caeli regione remotos mente deos adiit et quae natura negabat visibus humanis, oculis ea pectoris hausit. cumque animo et vigili perspexerat omnia cura, in medium discenda dabat coetusque silentum dictaque mirantum magni primordia mundi et rerum causas et quid natura docebat, quid deus, unde nives, quae fulminis esset origo, Iuppiter an venti discussa nube tonarent, quid quateret terras, qua sidera lege mearent, et quodcumque latet. primusque animalia mensis arguit imponi, primus quoque talibus ora docta quidem solvit, sed non et credita, verbis:	60
	70		70

Não apenas a origem dos filósofos é compartilhada, mas sua função, desempenho e efetividade na dissolução da superstição e na revelação da estrutura da natureza, tornando o que é invisível aos olhos visível à mente. O vocabulário é lucreciano: *magni primordia mundi*, *rerum causas* e uma listagem de ensinamentos que poderiam funcionar como um resumo do conteúdo de diversos livros do poema de Lucrecio: o que são natureza, deus, de onde vêm a neve, o raio, o trovão, terremotos, movimentos dos astros etc. Ao receber a palavra, Pitágoras, cujo nome nunca é mencionado explicitamente no livro XV, desenvolve sua teoria da alma, da metempsicose, da criação, da vida em termos que muitas vezes recuperam a argumentação, a doutrina e o léxico de Lucrecio, com exceção, como dito acima, da estrutura da alma.

Um segundo ponto de contato é o distanciamento que os filósofos se permitem adotar para observar o sofrimento humano causado pelo medo da morte, origem de todo sofrimento psíquico e ansiedade, resultado de superstição e falta de conhecimento sobre a natureza, o que os mesmos filósofos oferecem como antídoto e, em alguma medida, como uma espécie de terapia da alma:

7. Met. XV, 146-75

Coisas grandiosas que nunca os engenhos de outrora
investigaram, há muito escondidas, eu canto; me agrada
avancar pelos astros ao alto, me agrada afastar-me
dessa sede na terra, por nuvens levado e sentar-me
sobre os ombros de Atlas e ver os homens dispersos,
desrazoados, e mais, tremendo de medo da morte,
e assim exortá-los, desenrolando o livro dos fados:

Raça atormentada de medo da gélida morte,
ó, por que temeis as trevas, o Estige e palavras
vãs, matéria de vates, perigos de um mundo fingido?
Quer os corpos sejam levados por piras em chamas
ou por velhice abatida, mal nenhum os alcança;
almas carecem de morte e sempre, partindo da sede
anterior, novos lares encontram e neles habitam.
(...)

Tudo muda, nada perece; errando, vagante,
vai de uma parte a outra, ocupa o corpo que queira
cada espírito; vindo das feras, nos corpos humanos
migra, e, dos nossos às feras, sem jamais destruir-se.
Como a cera fácil se molda em novas figuras,
não permanece o que fora ou mesmas formas conserva,
mas é sempre a mesma, assim, eu professo que a alma
sempre é a mesma mas transmigra a várias figuras.
Logo, a fim que vossa piedade não seja vencida
por cupidez, vaticino, evitai que por morte nefanda
sejam expulsas as almas e sangue se nutra de sangue.

magna nec ingeniis investigata priorum
quaque diu latuere, canam; iuvat ire per alta
astra, iuvat terris et inertis sede relicta
nube vehi validique umeris insistere Atlantis,
palantesque homines passim ac rationis egentes
despectare procul trepidosque obitumque timentes
sic exhortari seriemque evolvere fati:

O genus attonitum gelidae formidine mortis,
quid Styga, quid tenebras et nomina vana timetis,
materiem vatam, falsique pericula mundi?
Corpora, sive rogos flamma seu tabe vetustas
abstulerit, mala posse pati non ulla putetis;
morte carent animae semperque priore relicta
sede novis domibus vivunt habitantque receptae.
(...)

omnia mutantur, nihil interit: errat et illinc
huc venit, hinc illuc, et quoslibet occupat artus
spiritus eque feris humana in corpora transit
inque feras noster, nec tempore deperit ullo.
utque novis facilis signatur cera figuris,
nec manet ut fuerat nec formas servat easdem,
sed tamen ipsa eadem est, animam sic semper eandem
esse sed in varias doceo migrare figuras.
ergo, ne pietas sit victa cupidine ventris,
parcite, vaticinor, cognatas caede nefanda
exturbare animas, nec sanguine sanguis alatur.

8. *DRN* II, 1-19

Suave é, em magno mar, as águas por ventos batidas,
quando da terra, podes ver magno esforço dos outros;
não por que sejam prazer agradável os pesares dos outros,
mas porque ver-se carente dos males é algo suave.

Suave também é assistir os magnos certames da guerra 5[6]
pelos campos dispostos sem tua parte em perigo. [5]

Nada, porém, é mais doce do que habitar os seguros,
templos serenos dos ensinamentos dos mais sapientes,
onde tu possas ao longe avistar os outros dispersos
em sua busca pelos caminhos errantes da vida,
em seus certames de engenho, contendidas pela nobreza,
noite e dia esforçando-se em labor incessante
para alcançar o poder sobre tudo e as riquezas maiores.

10

Suave, mari magno turbantibus aequora ventis,
e terra magnum alterius spectare laborem;
non quia vexari quemquamst iucunda voluptas,
sed quibus ipse malis careas quia cernere suave est.
suave etiam belli certamina magna tueri 5[6]
per campos instructa tua sine parte pericli. [5]
sed nil dulcius est, bene quam munita tenere
edita doctrina sapientum templa serena,
despicere unde queas alios passimque videre
errare atque viam palantis quaerere vitae,
certare ingenio, contendere nobilitate,
noctes atque dies niti praestante labore
ad summas emergere opes rerumque potiri.

10

Haverá, naturalmente, mais pontos de contato e de dissenso entre os dois sistemas filosóficos, mas as coincidências servem, antes, para aproximar os dois modelos de realidade e enfatizar que o ponto fulcral que inviabiliza toda e qualquer identificação mais definitiva, o da natureza da alma, parece ser, antes, da ordem do fluido: a alma que viaja entre corpos, *na morte*, entre formas, é, em alguma medida, análoga ao processo metamórfico da soma dos primórdios das coisas, os átomos, que os leva de união/dissolução a novas uniões/dissoluções, constituindo, nos amálgamas materiais entre corpos e almas, o equivalente aos corpos de Pitágoras, nos quais as almas, viajando como os átomos entre corpos, passam a habitar. Numa concepção metamórfica e fluida da natureza, não há mais espaço para a identificação estanque de corpos, mas sim as configurações contínuas de todas as coisas, que jamais vêm a ser a partir do nada e jamais retornam ao nada, mas, antes, dançam em uma metamorfose perpétua de tudo em tudo.

REFERÊNCIAS

Coccia, Emanuele. *Metamorfoses*. Tradução de Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

Lightman, Alan. *Probable Impossibilities: Musings on Beginnings and Endings*. New York: Pantheon Books, 2021.

Lucrécio. *Sobre a natureza das coisas*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Ovídio. *Metamorfoses*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, a sair.

Rodrigo Tadeu Gonçalves é professor associado IV de Língua e Literatura Latina Universidade Federal do Paraná e Diretor da Editora UFPR. Pesquisador do CNPq nível 2. Doutor em Letras com pós-doutorado sênior CNPq 2021-2022 na UFMG sob supervisão de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e pós-doutorado no Centre Léon Robin de recherche sur la pensée antique do CNRS-Université Paris IV-Sorbonne e École Normale Supérieure, sob orientação de Barbara Cassin e Florence Dupont.